



SER TRANSCLASSE: A NARRATIVA DE VIDA NO “DIÁRIO I - DIFÍCIL É O REINO” DE WALMIR AYALA

Giovanna Bardini
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: giovannabardini@gmail.com

Marcus Antonio Assis Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: malima@uesb.edu.br

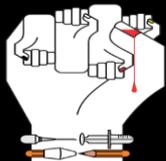
2780

INTRODUÇÃO

A escrita de si configura-se como um meio para que o indivíduo estruture uma narrativa que se dedica a contar uma história de vida a partir de uma sucessão temporal de acontecimentos, os quais, de algum modo, se constituem como uma coluna vertebral, isto é, o eixo sustentador de uma trajetória irregular de vida, cuja maior característica é ser “sacudida por forças coletivas que reorientam suas rotas de maneira imprevisível e geralmente incontrolável.” (BERTAUX, 2016, p. 38). A partir dessa ótica, a Narrativa de Vida, a partir do entendimento da professora Ida Lúcia Machado (2020), definem-se como uma versão da história de um indivíduo, atravessada por uma memória subjetiva de quem a redige, a qual influencia na representação do passado, e não um retrato exato da realidade vivida.

Para a representação desses relatos, é atribuída determinada preferência ao recorte da história de vida, isto é, o Espaço Narrativo que permite a reflexão sobre a dinâmica dos processos de transmissão, sobre os ajustes entre a identidade imposta, a desejada e a conquistada, principalmente se tratando da escolha de excertos reveladores de momentos particulares, sem que haja o desprezo de contextos histórico e social difundidos pelas palavras. Logo, ao se comprometer com o processo de escrita, o autor pode se enveredar pelo caminho de como a Saga Familiar (MACHADO, 2020) atuou em sua formação identitária, ou seja, o quanto do seu eu foi modelado pelas vozes de familiares, além da influência dos aspectos psicológicos, sociais e específicos do tempo e do ambiente nas escolhas particulares de vida.

Desse modo, Machado (2020) discute como as ideologias do ser, seus pensamentos íntimos, suas emoções e como outras vozes são expostas e entrevistadas a partir das exposições das narrativas, e se propõe a questionar se, a partir da tomada de



consciência, o sujeito escritor assume autonomia e se mostra capaz de reconhecer seus próprios desejos e de discernir as influências familiares sobre a construção identitária. Para tanto, essa tomada de consciência pressupõe transgressão dos erros do passado de sua saga familiar e remodelação dos papéis sociais com os quais foi confrontado durante sua história.

Assim, o termo Transclasse, tradução do termo *transfuge*, criado pela filósofa francesa Jaquet Chantal (2015), por Ida Lúcia Machado (2020), intenta designar pessoas em situação de mobilidade social, isto é, dar uma existência objetiva e legítima para aqueles que não reproduzem o destino de sua classe de origem, e que, por isso, operam a passagem de uma classe para outra, contrariando todas as expectativas do que lhe é predestinado por direito, sobretudo das imposições morais ou dogmas determinados pela Saga Familiar, como tratado por Machado (2020), mas também a inclusão de esferas da religiosas e sociais, compondo a Saga Religiosa e da Sexualidade. Para tanto, evidentemente, o indivíduo é inserido em um caminho repleto de dificuldades até assumir um novo *status* identitário modificado pela vida longe das vozes institucionais.

Sob esse aspecto, o trabalho visa a exposição de como os conceitos de Narrativa de Vida e Transclasse (MACHADO, 2020) se aplicam e são construídos nos relatos autobiográficos de Walmir Ayala em “Diário I - Difícil é o Reino” (1962). Organizado em trechos fragmentados, conforme é comum nesse tipo de gênero, ao longo de dois anos é possível acompanhar os relatos da vida pessoal de Ayala, os quais se mostram atravessados por influências externas da sociedade ao valorar como os traços identitários, aparentes ou não aparentes, demonstram relação com os papéis sociais com os quais foi constituído durante a sua história e como se reconstruiu para encontrar a liberdade pessoal.

METODOLOGIA

A noção de Narrativa de Vida, de autoria de Ida Lúcia Machado (2020), como sendo a versão da história de um indivíduo, cuja marca pessoal é impressa por meio de seu vocabulário e de suas impressões e expressões sobre o fato narrado, aliada à definição de sujeito Transclasse, como os seres que se colocam na contramão dos determinismos sociais atravessados pela Saga Familiar, serão pré requisito para a seleção de trechos do diário “Difícil é o Reino I” (1962), de Walmir Ayala.



Para tanto, indo além da esfera familiar, os fragmentos demonstram, também, a mobilidade transclasse em aspectos relacionados à sexualidade e à religião, o que definimos, respectivamente, como Saga Sexual e Saga Religiosa. Desse modo, os trechos objetivam demonstrar como, a partir das três categorias, são constituídos os processos identitários e a tomada de consciência no espaço narrativo relatado por Walmir Ayala.

RESULTADOS

2782

A partir do referencial teórico citado, o “Diário I - Difícil é o Reino” de Walmir Ayala, enquanto instrumento para a escrita literária, serviu de aporte para o registro de pensamentos, divagações cotidianas e depósito das verdades para si mesmo e aos outros que terão contato com a obra memorialística. Enquanto narrativa de vida, situa-se, então, como um meio de reconstruir o passado para melhor suportá-lo, para melhor compreender o presente e, se possível, servir de orientação para encarar o futuro com determinação. Logo, pelo registro dos fatos vividos, a personalidade literária se constrói e “o indivíduo busca, através da escrita, conhecer-se e aperfeiçoar-se.” (PAIXÃO, 2011, p. 160)

Não é possível fugirmos de nós mesmos. O encontro, isto sim, é urgente. O encontro com a nossa parte imodificável, a liberdade, o heroísmo de nos aceitarmos e de nos continuarmos fiéis a nós mesmos (AYALA, 1962, p.24).

Desse modo, a Saga Familiar na obra se revela através da relação de Walmir Ayala com a figura paterna, a qual demonstra, a partir das evidências da escrita de Walmir, escolher para o filho um caminho que não lhe convinha. A dissonância de desejos e intentos para o futuro constroem um muro que provoca o distanciamento entre os componentes familiares:

Meu pai coloca bem um problema. o da minha vocação, em sua carta de 27~5~58: ‘Preferiria que fôsses um operário feliz do que um poeta miserável’. É tudo uma questão de ansiar pela felicidade, nem outra coisa busco. Mas a felicidade de acôrdo com as minhas aptidões. Sobretudo me sujeito ao meu difícil destino, o que sonhei, seja como for. Isto meu pai nunca entenderá. (AYALA, 1962, p.44)



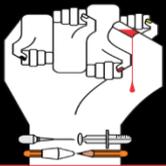
No entanto, a devolutiva é feita depois da passagem de tempo, em que o narrador utiliza de seu espaço biográfico para redigir cartas evidenciando ser transclasse por transgredir a concepção determinista que a saga familiar tornava imperativa: “Saiba que seu filho não morreu como carneiro, cego de seu próprio destino. Morreu como ser humano, iluminado de esperança inclusive numa vida eterna, numa imortalidade imediata. Ah, como a fé é importante!” (AYALA, 1962, p.112).

Por conseguinte, se tratando da Saga Religiosa, no início dos diários há grande inserção de Ayala no cenário Cristão. Contudo, após um episódio de opressão contra uma criança que não performou o exemplo canônico e abençoado pela religião, Walmir preferiu se dissociar da religião em seu campo físico e se dedicar apenas ao culto pessoal e interior: “Hoje estou afastado como nunca, mas o meu coração não secou em relação a Deus, embora já não tenha paciência para me recolher a um templo.” (AYALA, 1962, p.136). Por essa via, revela-se transclasse em um trecho que demonstra a subversão das nuances que afetavam-no negativamente após se subjetivar e construir sua nova identidade:

Não sou um fruto artificial, sou exatamente o resultado de tudo aquilo que construíram ao meu redor: o ódio, a paixão, a convenção, o fingimento, o catolicismo, o desprezo. E tudo me fez muito mal. Mas não me lamento porque sei que me ficou disso uma riqueza interior inexgotável. E aprendi sozinho a arrancar de mim o que ninguém imaginou (AYALA, 1962, p.121).

Paixão (2011) comenta sobre como “a recorrência da temática religiosa mostra a demarcação de posicionamentos por ele assumidos ao longo de sua vida em diversos aspectos” (p.58-59). Assim, embora a sexualidade de Ayala seja abertamente tratada por ele em seus escritos, constantemente é feita a comparação com o temor divino, o que Paixão (2011) estabelece como uma relação de complementaridade, em que “o homem escreve suas vivências para confessar seus pecados e como um exercício de autoconhecimento, a um só tempo” (p.159).

Sob essa perspectiva, a mobilidade sexual toma forma, justificada pela construção da própria identidade, a qual Ida Lúcia Machado define como sendo a solidificação de um sujeito autônomo, pois conhecendo seus próprios desejos e demonstrando a capacidade de discernimento e consciência sobre o que faz, resulta na recusa ao desejo do outro. (MACHADO, 2020, p.96). No trecho a seguir, Walmir aponta como a negação de uma vida condizente com a sua indagava sofrimento. Após o



sujeito ter uma atitude firme contra as determinações morais, alcançou um equilíbrio de vida e a satisfação pessoal:

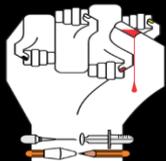
É impossível que eu veja queimar-se assim a minha vida, perdendo a oportunidade maior de justificá-la ... porque só me importa o amor, e tenho no momento os meios de levá-lo a termo. Há longos anos não sentia isso. E não menti quando disse ontem que apesar da mágoa que me causava, este amor me rendia a graça da visibilidade, a coexistente respiração, o impulso de exigir um carinho que me pertencia. Fico pensando na nossa solidão física, no nosso esquecimento do mundo, nos nossos corpos, éramos luminosos porque estávamos humildes diante do milagre. Não havia vaidade nem egoísmo. Eu me esquecia de tudo, das minhas tristezas, das minhas fragilidades, eu me sentia forte, capaz de vencer qualquer batalha, desde que sentisse de olhos cerrados aquele toque magnífico e dulcíssimo. Era assim que me subia a luz, era assim que a água me refrescava, era assim que a noite se adensava, era assim a pedra, as amendoieiras, era assim o odor da terra, era assim minha vigília (AYALA, 1962, p.92).

2784

Assim, os dois últimos campos da saga religiosa e sexual se mostram intrinsecamente relacionados. Sob esse prisma, os trechos indicam como indivíduo se enxerga transclasse e como a coragem de empreender mudança em sua vida se fez motivadora para deixar pelo caminho o que não convinha mais. “Conhecer-me era o que mais diretamente me interessava. E não perder-me mais. Isto salvava o corpo e a alma” (AYALA, 1962, p.18).

CONCLUSÃO

Portanto, o estudo e a visibilidade conferidas às formas artísticas de cunho autobiográfico, como a obra em análise, são fundamentais para teorizar um gênero e valorizar vozes de pessoas-que-se-narram enquanto trazem à luz, até então não inclusas enquanto cânone literário, as experiências íntimas de quem produz associadas às questões sociais mais amplas de seu tempo. A ideia da não reprodução da conduta socialmente aprovada é o grande pilar do ser transclasse de Walmir Ayala. Subvertendo o modelo de reprodução social cristão, héterossexual e masculino, Ayala liberta-se das amarras suportadas por um longo período, e que, a partir de determinado momento, passaram a prejudicar sua identidade e sua vida. O sujeito transclasse, portanto, assim como descrito por Walmir em seu Espaço Narrativo, cunha-se como o indivíduo que, após passar por uma grande mudança de vida e um árduo processo de



fusão/transformação de identidade, tenta avançar seguindo o caminho que escolheu para si (MACHADO, 2020, p. 126).

PALAVRAS-CHAVE: Transclasse. Narrativa de Vida. Saga Familiar. Walmir Ayala.

REFERÊNCIAS

AYALA, W. Diário I — **Difícil é o reino**. Rio de Janeiro: GRD, 1962.

BERTAUX, D. **Le récit de vie**. 4e. édition. Paris: Armand Colin, 2016.

JAQUET, C. **Les transclasses ou la non-reproduction**. Paris: P.U.F., 2015.

MACHADO, I. **Narrativas de Vida: Saga familiar & sujeitos transclasses**. Coimbra: Glácio Editor, 2020.

PAIXÃO, R. **Quando a arte imita a vida: ficção e memória nos diários de Lucio Cardoso e Walmir Ayala**. Dissertação de Mestrado. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2011.

2785

Realização:



Apoio:

